

A MAGIA DAS BENZEÇÕES E SUAS VOZES

Celina Gontijo Cunha (UFOP)

celgontijo@yahoo.com.br

Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)

cleziorob@gmail.com

RESUMO

Abordando outras áreas do conhecimento, tais como a Antropologia e Sociologia, esta pesquisa perpassa por caminhos da cultura, da religiosidade e da medicina popular, na tentativa de compreender a origem, formação e permanência dessas práticas. Nesse sentido, o estudo das manifestações da linguagem é intimamente ligado aos fenômenos sociais, históricos e culturais. O nosso objeto de estudo, as benzeções, têm a oralidade como carro chefe para o repasse de seus saberes e, em se tratando da língua falada, que está em constante movimento, foi possível constatar o importante papel que a linguagem exerce enquanto práticas socioculturais. No universo das benzeções, a linguagem ganha ainda mais um elemento além do seu caráter vivo e dinâmico, já que ela é ali manifestada muitas vezes como algo não vocalizado, através do silenciamento, no ato da prática da benzeção, quando é estabelecido o diálogo com Deus, no intuito de se obter a cura. Dessa forma, o estudo da oralidade se torna bastante complexo, por conceber um diálogo que, quase na totalidade das vezes, é inaudível as demais pessoas envolvidas no rito, o que nos leva a pensar em uma estrutura linguística que é socialmente estabelecida, adaptando-se ao meio social em que ela acontece, levando a produção de sentido, mesmo quando a palavra não é de fato vocalizada. Essa pesquisa se propõe a analisar as rezas de cura populares inseridas no contexto das práticas de benzeção, considerando-se a tradição oral e o rito no processo de interacional social. Para tanto, iremos percorrer por outras áreas do conhecimento, que estão atreladas a oralidade e que se fazem presente dentro do universo das benzeções, tais como a cultura popular, a religiosidade popular, a medicina popular, na intenção de compreender, as relações interpessoais estabelecidas, que mantêm a tradição ainda atual e que fazem da benzeção um agente social do seu meio.

Palavras-chave: Benzeção. Cura. Cultura popular. Sociolinguística.

1. Introdução

Por ser a benzeção uma prática social que abarca várias outras áreas do conhecimento, considerada como uma manifestação da cultura popular que dialoga com o hibridismo religioso e com os conhecimentos da medicina popular, para falar sobre o tema, iremos, de forma sucinta, considerar tais especificidades com a finalidade de compreender as benzeções como uma prática social ancestral e ao mesmo tempo contemporânea.

2. *A religiosidade popular*

É no catolicismo oficial que se originam as rezas que também são usadas no catolicismo popular, que surgiu na necessidade de sanar males, através da força que carregam as palavras sagradas capazes de levar a cura. Vale salientar que as benzeções não devem ser consideradas apenas como uma derivação estrita do catolicismo, uma vez que elas dialogam com várias outras vertentes culturais, tais como as práticas indígenas e afrodecendentes, sendo ela uma prática imersa no hibridismo religioso.

No que diz respeito à possível origem de formação dessas práticas, Erisvaldo Pereira dos Santos, nos traz à luz a relação existente entre as religiões de matrizes africanas e o catolicismo:

Não faltam histórias de senhores e senhoras de engenho que buscavam ajuda dos curandeiros africanos. Muito mais do que no terreiro de umbanda, onde as pessoas vão buscar ajuda, essas relações entre o africano escravizado, a ancestralidade africana, o catolicismo antigo e as referências identitárias dos afrodescendentes se fazem presentes na Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. (SANTOS, 2015, p. 145)

A passagem de oficial para popular é intrinsecamente ligado a fatores culturais de um povo, que na ausência de outros recursos (financeiros, assistência médica), usando seus conhecimentos empíricos, a fim de sanar males e proporcionar a cura, foi surgindo então o que chamamos hoje de benzeções.

Popular porque não se aprende as rezas de cura na igreja, elas não são ensinadas pelos padres, bispos e as maiores hierarquias do catolicismo oficial. Popular porque essa prática nasceu da necessidade de um povo, que começou a mesclar conhecimentos de religião e medicina popular (o manuseio com ervas e plantas medicinais) em benefício da comunidade, na tentativa de estabelecer a ordem e sanar males da população a qual fazem parte.

Segundo Guenter Paulo Suess (1979):

[...] o catolicismo popular origina-se do desnível entre o catolicismo oficial e o catolicismo do povo simples, pois esse mantém, em sua prática religiosa, os traços culturais próprios do seu meio e que nem sempre são idênticos aos conceitos e à doutrina do catolicismo oficial. (SUESS, 1979, p. 26)

A religião é um dos nortes da cultura popular. É através dela que pessoas se encontram e se relacionam, trocam experiências e se ajudam mutuamente. A religião, principalmente no contexto de pequenas vilas, está intimamente ligada à função sociocultural do lugar, permitindo en-

contros, o que proporciona convivências e vínculos. Dessa forma, podemos afirmar que, independente da vertente religiosa, sendo ela oficial ou popular, o discurso religioso sempre nos remete ao sagrado.

2.1. As benzeções sob a ótica dos estudos de cultura popular

Entendemos por cultura popular todos os saberes de determinados grupos sociais que se manifestam através de diferentes vertentes, tais como a culinária, a música, a dança, o esporte e às crenças religiosas. A cultura popular é então uma manifestação dos costumes e tradições de um povo, e tem como carro chefe a tradição oral para o repasse de seus saberes.

De acordo com Nestor Canclini (1997), a cultura popular, para melhor denominar o termo e fugir do seu sentido pejorativo, ligado majoritariamente aos meios sociais desprivilegiados, deve ser concebida aqui como uma cultura híbrida, onde existe a possibilidade de pensar em uma realidade social e cultural multifacetada.

O estudo sobre a cultura e a prática das benzedeiras é um saber da tradição oral que dialoga com a cultura popular, com o sincretismo religioso, com a fé, com o dom, com simbolismos imaginários etc. Adentrar nesse universo de saberes é um convite a conhecer e resgatar a memória de um lugar, transitando entre o essencial, simples e sutil da vida.

A cultura popular está intimamente ligada às questões da religiosidade, sob esse ângulo, Carlos Rodrigues Brandão (1980) nos traz importantes observações:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos. (BRANDÃO, 1980, p. 15)

Como dito anteriormente, a cultura popular conta com a oralidade para o repasse das tradições. É através da oralidade que a cultura de um povo é mantida e perpetuada. As benzeções fazem parte do universo da cultura popular que, invariavelmente abrange a memória social de um povo tendo a oralidade como seus pilares para o repasse dessa prática.

O termo cultura popular, que, de uma maneira geral e limitada, se refere às manifestações culturais de classes menos favorecida da socie-

dade, tem provocado reflexões questionando a presença do erudito que possa existir no popular que, longe de ter o mesmo prestígio social que a cultura erudita, está cada vez mais demarcando território, num impulso de manter vivos os costumes, crenças e memórias de um povo e, sobretudo de dar visibilidade, dar voz às identidades de diversas manifestações culturais. Roger Chartier (1995), ao falar sobre cultura popular, aponta que:

Nem a cultura de massa de nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiam. O que mudou, evidentemente, foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las. (CHARTIER, 1995, p. 4)

A cultura popular se mantém viva por ser readaptada aos contextos históricos e é ela, a maneira mais autêntica de representação de um povo e age também no âmbito individual, alimentando a identidade cultural do indivíduo, permitindo àqueles que estão à frente de algum movimento cultural, se identifique como guardião, mestres populares, agentes culturais que detêm conhecimentos específicos e legitimados pela comunidade a qual fazem parte. Rita Fabiana Arrais do Nascimento (2014) nos traz importantes considerações a esse respeito:

(...) a tradição é o próprio saber popular que apresenta emoldurado pela cultura, com noções particulares de tempo e espaço, de organização social, de valores, e de condutas que ordenam significados concretos as próprias regras da vida. (NASCIMENTO, 2014, p.10).

É pensando nesse contexto social em que se insere a cultura popular, numa dimensão que abrange tanto o plano individual quanto o coletivo, que propomos analisar os ritos das benzeções como uma importante memória social, existente através da oralidade, na perspectiva de uma memória viva, comunitária e coletiva.

2.2. A medicina popular

Graças à diversidade cultural, o Brasil se tornou um país cuja história foi sendo construída a partir de contribuições deixadas por diversos povos que por aqui passaram, deixando marcas relevantes na memória da nossa história. Assim, com o passar dos anos, foram surgindo outras maneiras de expressão da fé, como por exemplo, o ato de benzer. Nas cidades interioranas ainda é comum a prática da benzeção, quando se acredita que existe algum mal, físico ou psíquico que atormenta um consulente.

Quando se fala em religião e medicina popular é válido salientar as influências ocorridas na época da colonização que originaram o que hoje chamamos de benzeções. Herdamos dos índios os ensinamentos das ervas, usando-as como aliadas para afastar mazelas, assim como faziam os pajés. Dos africanos herdamos a cultura de cantar, festejar, dançar e cortejar nossos santos e festas com cores e alegria. Como influência portuguesa, temos a religião católica predominante no Brasil. O que não significa dizer que os ritos de rezas sejam então puramente a junção dessas influências, mas sim, considerá-las no sentido de contribuição para sua formação.

Por mais que as benzedeiras tenham absorvido os conhecimentos das ervas e plantas medicinais de uma forma empírica, no que diz respeito às propriedades curativas das plantas e ervas medicinais, não se difere do conhecimento erudito que se tem sobre elas. O que elas fazem, no entanto, é ressignificar os processos de cura das mazelas cotidianas, e para isso, ela combina os seus saberes sobre medicina popular, religiosidade e crença. Dessa forma, Elda Rizzo Oliveira (1985, p. 25) as define: “Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina o místico da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”.

As benzedeiras são vistas com bons olhos pela comunidade, representam caridade e benevolência. Suas práticas já foram muito hostilizadas em vários períodos ao longo da história, entretanto, percebe-se que existe hoje um movimento de legitimação dessas práticas que tende a não entrar em conflito com a medicina oficial, da qual elas também fazem uso, quando possível e necessário. Todavia, as benzedeiras acreditam que existem males de cunho sobrenatural que a medicina tradicional não consegue curar.

Por mais patriarcal que seja a nossa cultura, a presença da mulher sempre foi, e ainda é, marcante no âmbito da cura, já que a ela se destinava o cuidado com a casa, a horta, o bem-estar e higiene de sua família. Assim, no contexto das benzeções não poderia ser diferente. Segundo Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira (1989): “a presença da mulher é marcante no mundo da credence e é ela, numa maioria quase que absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal”. (GOMES & PEREIRA, 1989, p. 16)

Dentro das limitações que lhe cabiam, a mulher esteve sempre ligada ao âmbito da saúde. Até a bem pouco tempo atrás, na década de 30, o parto era um evento feminino, comandado e dirigido por mulheres. De um modo geral, as parteiras, na sua imensa maioria, estão ligadas as outras formas de cura, como por exemplo, a benzeção.

Curiosamente, no cenário da obstetrícia, a mulher foi perdendo sua atuação e passou a crer que as intervenções médicas eram necessárias, mesmo quando não há nenhum risco eminente ao parto. Assim, de uma maneira assustadora, a parteira foi desaparecendo e, conseqüentemente, a atuação de protagonista da própria parturiente. Essas mudanças de ordem cultural acontecem em diferentes momentos históricos e afetam também a ordem social de um povo. Contudo, mesmo que hoje em dia seja rara a participação das parteiras nos nascimentos de bebês, a benzeadeira ainda é uma figura presente e atuante no que diz respeito à saúde e bem-estar da sua comunidade.

O costume de curar por vias naturais, com ervas e elementos da terra, vem de tempos remotos. Na Idade Média, mulheres que tinham seu poder intuitivo aguçado, foram consideradas bruxas, e por isso, condenadas a morte, na inquisição. Sobre a obtenção da cura através das benzeções, Maria Clara Tomaz Machado (1997) acrescenta:

Destacamos dentre essas crenças o curandeirismo e as “benzeções” por serem práticas culturais que sobrevivem no interior de Minas Gerais. [...]. Acreditamos ser pertinente afirmar que a busca por curandeiros e tem a ver com a ordem das coisas. A mais forte delas, supomos, esta intimamente ligada aos fenômenos do imaginário popular e das representações mentais, solucionar problemas de suas vidas através de “forças imponderáveis”. (MACHADO, 1997, p. 236)

Principalmente em contextos de zona rural e pequenas vilas, onde a comunidade é carente e não há fácil acesso a hospitais e postos de saúde, a benzeadeira exerce um importante papel social em prol do bem-estar da sua comunidade. Assim, muitas dessas mulheres, na medida em que prestam serviços aos enfermos, foram se tornando figuras importantes do seu meio social e, mesmo que inconscientemente, elas interferem no processo histórico social do qual fazem parte. Dessa maneira, elas são legitimadas pela comunidade e passam a ressignificar a cura de várias mazelas presentes no cotidiano de suas vidas. Rita Fabiana Arrais do Nascimento (2014) acrescenta:

Os agentes da benzeção se comportam como agentes estruturantes da religiosidade popular, por serem legitimados como pessoas que possuem um dom sobrenatural, eles criam e recriam artifícios e estratégias de manipulação da

medicina popular, que irão proporcionar aos seus clientes a possibilidade da harmonia plena entre corpo e espírito. (NASCIMENTO, 2014, p. 2)

Usando também os conhecimentos eruditos no que diz respeito às propriedades curativas de ervas e plantas, os agentes da prática de benzeção vão aos poucos, ressignificando meios de cura para mazelas do cotidiano presente na comunidade em que se inserem.

3. Benzeção: uma prática social

As benzedeiras estão intimamente ligadas ao sagrado e agem como intermediárias das forças sobrenaturais. A ação de benzer e levar a cura aos enfermos vai também ao encontro às questões sociais, dando visibilidade a essas pessoas que, através de seu papel de agente social de sua comunidade, fortalecendo sua identidade e ganhando legitimidade social. Assim, as benzedeiras, ao promoverem a cura, se tornam agentes sociais do seu meio, atuando também numa esfera política da sua comunidade.

Por ser uma manifestação de cunho religioso e por tentar solucionar as mazelas do dia-a-dia da comunidade (tais como quebranto, cobeiro, dor de cabeça, mau olhado, etc.), a benzeção se caracteriza também como uma prática social à medida que ela passa ser uma alternativa, um meio de se obter a cura, ressignificando as doenças do cotidiano.

Sobre fatores intrínsecos a tradição das benzedeiras, Laura de Mello e Souza (1989), em seu livro, *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, nos traz a luz:

Por um lado, a feitiçaria mostrava-se estreitamente ligada às necessidades iminentes do dia a dia, buscando a resolução de problemas concretos. Por outro, aproximava-se muito da religião vivida pela população, as receitas mágicas assumindo com frequência a forma de orações dirigidas a Deus, a Jesus e aos santos, à Vigem Maria. (SOUZA, 1989, p.16)

Para abordar a questão do que é sagrado, iremos considerar a visão adotada por Emile Durkheim (2003), que enxerga o sagrado como representações da vida social. Para esse sociólogo francês, o sagrado está ligado às atividades cotidianas, a fatos reais, concretos, praticados pelo homem, assim, o sagrado está intimamente ligado ao profano, já que segundo esse autor, ele está presente nas ações dos homens. Segundo Emile Durkheim (2003):

As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja em si, seja com as coisas profanas. (DURKHEIM, 2003, p. 24)

Assim, concebendo o sagrado interligado com o profano, o dom da benzeção acontece em pessoas comuns, sujeitas a erros e a vida profana. Só depois de sua iniciação e do reconhecimento social como benzeadeira é que sua conduta social se modifica, tendo ela um olhar atendo às responsabilidades que o dom exige.

Por mais exemplar que seja a conduta social de uma benzeadeira, ela não é imune aos pecados mortais. A elas são atribuídas inúmeras qualidades, mas, ainda assim, transitam numa tênue linha entre o profano e o sagrado.

O destaque social que elas recebem, acaba muitas vezes gerando rivalidade entre benzeadeiras próximas, em uma espécie de competição de quem promove mais curas e bem-estar à comunidade, quem é a melhor benzeadeira, a mais solicitada, a mais carismática, a mais comprometida, etc. O contrário também acontece, quando elas, no intuito de unir suas forças, se ajudam mutuamente, trocam seus conhecimentos de rezas, se benzem entre si e participam de ações solidárias em conjunto.

Recentemente, um grupo de benzedores e benzeadeiras do Paraná, principalmente nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, tem se organizado no Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA)¹³ que os reconhece como agentes de saúde popular, permitindo o direito, decretado em lei municipal, de praticar o ofício de benzer.

Esse grupo de benzedores e benzeadeiras do interior do Paraná conquistou importantes vitórias, como a aprovação de leis municipais que permitem a eles o livre acesso de colheita das plantas medicinais (ainda que estejam em terras particulares) e o reconhecimento desse ofício tradicional das práticas de rezas.¹⁴

O que já foi considerado como prática ilegal da medicina, hoje é reconhecido como ofício tradicional e respaldado por lei, com direito a carteirinha de identificação das benzeadeiras e benzedores.

¹³ Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/06/23/saberes-tradicionais-de-cura-fortalecem-a-identidade-das-benzeadeiras.html>> acesso em 20/06/2016.

¹⁴ Ver o curta metragem; "Benzeadeiras-Ofício Tradicional", roteiro e direção da professora e pesquisadora, especialista em cultura popular, Lia Marchi.

Tal movimento mostra a necessidade de se afirmar enquanto identidades coletivas, num esforço de não deixar que a memória dessas práticas seja parte do passado, reconstruída a partir de restos e rastros de uma tradição.

Esse movimento de preservação da identidade das benzedeiras e benzedores tem proporcionado ao grupo encontros eventuais, onde acontecem trocas diversas que permeiam esse universo, enriquecendo ainda mais os saberes de cada membro do grupo.

Cientes da importância de seu ofício, esse grupo de benzedeiras se organiza no sentido de buscar a preservação de uma memória coletiva, social, cultural que mantém de pé os pilares da tradição em que estão inseridas, principalmente no que se refere à oralidade, usando a palavra como veículo de para se obter a cura.

No âmbito linguístico, por utilizar as palavras proferidas para atingir seus propósitos comunicativos, as rezas populares são concebidas como interação social de gêneros textuais orais, que apresentam uma formação discursiva coerente com o fim social ao qual se propõem curar por meio de palavras, proferidas, presentes no rito das benzeções.

3.1. A iniciação das benzedeiras

Faz parte da cultura popular o repasse de seus saberes num intuito de perpetuar suas memórias, mantendo vivo o que é essencial para a identidade de um povo. Assim, o repasse das práticas de rezas, tal como a iniciação de uma benzedeira, se dá oralmente através de pessoas intimamente ligadas a ela. A iniciação das benzedeiras se dá de diferentes formas, podendo acontecer através de uma revelação em um sonho, ou em casos mais raros, quando o dom é despertado num momento de desespero, como alguma doença que esteja desenganada pelos médicos e que acaba se curando, através da sua fé (OLIVEIRA, 1985; QUINTANA, 1999). Porém, na maioria das vezes, a iniciação acontece com o repasse das tradições entre pessoas intimamente ligadas (geralmente da família; mãe e filha, avó e neta etc.), como uma herança vocacional.

Diferente das religiões de matrizes africanas, onde a iniciação acontece pela vontade de seus participantes, e existe todo um ritual para que isso aconteça, a iniciação das benzedeiras ocorre após a percepção do *dom* e acontece ao longo de alguns anos, selando aos poucos uma aliança (MAUSS, 2003) com as forças sagradas. Porém, mesmo que exista dife-

rença no modo de iniciação entre as religiões, o intuito é sempre o mesmo; a morte da vida profana, o (re)nascimento da vida sagrada, que exige do iniciado uma série de preceitos a seguir, mudando seus hábitos, o que consequentemente o difere dos demais.

Sobre a iniciação, Mircea Eliade (2001), completa: “(...) já nos estágios arcaicos de cultura, a iniciação desempenha um papel capital na formação religiosa do homem, e, sobretudo, que ela consiste essencialmente numa mudança do regime ontológico do neófito”. (ELIADE, 2001, p. 152)

Depois de iniciadas, as benzedeiras tendem a mudar alguns hábitos de vida, mas o que parece ser comum a todas elas é a destinação do tempo às atividades sagradas. Assim, em atos que nos remetem a gratidão e retribuição do dom que as fazem especiais, elas destinam uma boa parte de seu tempo, a atender a quem as procura, exercendo a caridade, estreitando cada vez mais os laços que mantêm com as forças sagradas.

Ter o status de uma benzedeira faz dela uma pessoa de destaque no meu meio social e lhe são atribuídas, além das dádivas, algumas posturas, mesmo no que diz respeito a sua vida pessoal, que a comunidade espera que ela tenha. Junto ao ofício, vem também uma mudança de comportamento, já que agora ela passa a ser considerada, respeitada e admirada pelo seu dom e, como esse dom diz respeito ao universo mágico-religioso, a sociedade tende a percebê-la como alguém muito ligada ao sagrado, dando-lhes atributos imaculados, distanciando-as da possibilidade de um convívio estreito com as coisas profanas. A respeito da ligação que existe entre esses dois polos, o sagrado e o profano, (DURKHEIM, 2003, p.24) acrescenta: “As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas”.

No que se refere à iniciação, a linguagem e o uso dela pelos iniciados dessa prática, Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira (2004) destaca: “Iniciados porque herdeiros de conhecimentos que só se tornaram úteis se pronunciados segundo os critérios e as normas de uma determinada linguagem – a linguagem das palavras sagradas ou das palavras curativas”. (GOMES & PEREIRA, 2014, p. 29)

Diferente dos processos de iniciação de feiticeiros e xamãs descritos por Claude Lévi-Strauss (1975), em que se faz necessário uma renovação periódica, uma vez que ocorre a iniciação da benzedeira, ela não precisa ser renovada, sua dádiva é duradoura e se fortalece na medida em

que suas práticas vão sendo cada vez mais correntes, presentes no seu cotidiano, assim como outra obrigação diária. Adentrar no universo mágico religioso é também fazer sacrifícios, assim, “benzer é uma caridade”. (OLIVEIRA, 1985, p. 68)

É com o passar dos anos e da eficácia de suas rezas que elas começam a ser identificadas como benzedeiras, ganhando credibilidade social. A esse respeito (NASCIMENTO, 2014, p. 5) esclarece: “O momento em que se dá a percepção do dom pelos agentes, não quer dizer que eles possam se instalar na sociedade como uma forma legítima de profissionais que manipulam bens sagrados”.

A iniciação começa na descoberta do *dom*, a legitimação social da benzedeira é um processo demorado, baseado em fatos empíricos e na conduta que elas passam a ter em relação a sua vida pessoal e comunitária.

Há muito tempo se tem associado às palavras ao poder de cura que elas carregam. Tal poder é perceptivo em nossos enunciados diários, quando proferimos palavras doces, amáveis, geramos no nosso interlocutor um sentimento semelhante, de satisfação e prosperidade. Da mesma forma, quando a nossa intenção é depreciar, ferir, geramos no outro um sentimento doloroso, que vai ao encontro do nosso intento no momento da fala.

3.2. O poder das palavras sagradas

Na tradição das rezas de cura, a voz, a palavra presente nas orações (sendo ela vocalizada ou não) representa o pensamento positivo, suas memórias e crenças, sendo ela capaz de curar aqueles que porventura estejam fragilizados, mas que, mesmo inconscientemente, acreditam e confiam na eficácia de seus saberes. Sobre o poder mágico-religioso dessas práticas, Claude Lévi-Strauss (1975) nos alerta que ele está intimamente associado à crença, de quem pratica e de quem se beneficia dela:

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 194)

É justamente por considerar a crença na eficácia da benzeção, que muitas benzedadeiras afirmam que não basta simplesmente conhecer as orações para praticar a benzeção, para se tornar uma benzedadeira é preciso ter o dom e acreditar que poder dessas práticas. Em contrapartida, muitas benzedadeiras se recusaram a nos fornecer as orações das suas benzeções, justificando que assim, ao passá-las, mesmo que para um leigo, suas orações perderiam a força, o que compromete na eficácia de suas práticas.

No universo das religiões, é comum a existência de palavras sagradas, as quais se dedicam um cuidado ao proferi-las, restringindo lugar e pessoa a quem possa ser dirigido tal enunciado, sob pena de perder sua força entre outras punições.

No candomblé, assim como nas práticas de benzeção, onde os ensinamentos são passados através da oralidade, a palavra também é imbuída de poder, inclusive mantém vários preceitos em sigilo, que podem ser compartilhadas apenas com iniciados dessa religião. Pierre Fatumbi Verger (2004), a respeito do mistério que envolve o mundo da enunciação em contexto religioso, nos traz a luz:

Na cultura africana tradicional, saber o nome de uma pessoa ou coisa significa que elas podem, até certo ponto, serem controladas... Entre os Iorubás, a preparação dos remédios e trabalhos mágicos deve ser acompanhada de encantações (ofô) com o nome de plantas, sem as quais esses remédios e trabalhos não agiriam. A transmissão oral do conhecimento é considerada o veículo do axé das palavras, que permanecem sem efeito em um texto escrito. Palavras para que possam agir devem ser pronunciadas. (VERGER, 2004, p. 35)

Sob essa perspectiva, podemos pensar que as palavras ditas pelas benzedadeiras no momento da benzeção designam uma ação, que tem como reação a cura. Letícia Grala Dias (2013), ao falar das benzedadeiras de Florianópolis, em sua dissertação de mestrado, “O poder *da* e *na* voz delas: *benzedadeiras* da Ilha de Florianópolis/SC”, enfatiza: “É a voz da benzedeira que lançará o enunciado, efetivando a ação. A voz, portanto, personifica a ação, não apenas a veicula”. (DIAS, 2013, p. 118)

Através da oralidade, das palavras proferidas (mesmo que não vocalizadas) pelas benzedadeiras no ato das benzeções, adquirem um valor ilocucionário, carregadas de sentidos sagrados que as tornam capazes de curar, devolver o equilíbrio e estabelecer a ordem. Assim, a palavra proferida por elas indica, sobretudo, uma ação, poderosa ação de cura, de mudança de ordem, capaz de devolver o equilíbrio.

Pelo os depoimentos colhidos em trabalho de campo, no que se refere ao poder da cura, a resposta dada pelas benzedadeiras é unânime:

“quem cura é Deus”. Diante disso, podemos pensar que no momento em que se inicia a benzeção, inicia-se também um diálogo com Deus, onde ela, a benzedeira, através de suas orações pede a cura em favor de quem as procura, sendo aptas a curar através de seus apelos sagrados. Segundo Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira (2004): “Aprendendo a dialogar com os entes sobrenaturais, o homem usou a palavra, o rito, a oferenda – numa tentativa de controlar a natureza e eliminar o mal”. (GOMES & PEREIRA, 2014, p. 17)

É por meio das palavras que as benzedeiras estabelecem uma comunicação com o transcendente. É por meio de uma comunicação com o Divino, que as benzedeiras atingem a cura, podemos pensar então na existência de uma interação dialógica. Sobre a dinâmica dialógica, Mikhail Bakhtin (1997) afirma: “Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto de interação do locutor e do ouvinte”. (BAKHTIN, 1997, p. 113)

As palavras proferidas por elas no ato da benzeção são sagradas, carregam um poder que é capaz de curar, de restabelecer o equilíbrio desejado. Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira (2004), reconhece o poder que essas palavras carregam: “Com estas palavras o benzedor intimida, reduz, extirpa os males; consola e orienta os pacientes. Cria, enfim, mecanismos linguísticos que agem concretamente sobre os malefícios”. (GOMES & PEREIRA, 2014, p. 30)

Porém, vale considerar que, as benzedeiras rezam em tom de voz baixo, quase indecifrável, como murmúrios, acompanhado de vários gestos, ervas, copo d’água, terço, entre outros aparatos do imaginário simbólico presentes nessa prática. A maioria das benzedeiras usa plantas do próprio quintal e ao final do ritual, indicam procedimentos a serem realizados, tais como acender velas, fazer o uso de chás, tomar banhos de ervas, entre outros. Essa maneira de dirigir tais rituais, e mais especificamente, sobre a maneira como as palavras são proferidas (audíveis ou não) está ligada à conexão que se estabelece entre elas e o Divino. Danielle Gomes do Nascimento (2010) faz uma importante observação a esse respeito:

Na maioria das vezes, o discurso das benzedeiras é silenciado por fatores intrínsecos à tradição. Os fatores intrínsecos do silenciamento do discurso dizem respeito à força das rezas e a forma singular de estar em contato com Deus. (NASCIMENTO, 2010, p. 24).

O silenciamento na hora de proferir as rezas, além das considerações feitas por Danielle Gomes do Nascimento, também nos diz respeito à manutenção do caráter sigiloso dessas práticas, sob pena de perder a força das orações. O silêncio adotado por elas no ato da benzeção funciona como um recurso de fortalecimento do poder dessas palavras, como são dirigidas a Deus, podem ser apenas mentalizadas e/ou sussurradas que irão alcançar seus propósitos de cura.

4. Considerações finais

Por fim, algumas das interlocutoras dessa pesquisa, ao prestarem entrevistas, se recusaram revelar as palavras presentes nas benzeções, alegando que assim, perderia a força de suas orações. Vale ressaltar que o sentido do silêncio em relação às práticas de rezas de cura, se completa com os gestos e símbolos, que por sua vez estão intrinsecamente ligados à crença. Tal maneira de dirigir o rito, através de um discurso silencioso, é também associada à produção de sentido como uma habilidade de comunicação, capaz de expressar algo mais relevante, que talvez, a palavra vocalizada, não conseguiria alcançar.

O caráter sagrado que existe nas suas vozes durante o ritual da benzeção, é algo que elas prezam em manter, nem que para isso seja necessário seguir algum preceito, como por exemplo, o sigilo. Assim, Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira (2004), acrescenta: “Faz-se necessária uma referência ao segredo da benzeção: há uma confiança na magia das palavras desconhecidas e muitas vezes o benzedor se recusa e ensiná-las, já que lhes foram transmitidas sob condição de não revelação”. (GOMES & PEREIRA, 2014, p. 12)

Percebemos então que, as palavras, ainda que não sejam pronunciadas, têm um sentido que vai além de transmitir informações, adquirem poder de entendimento e valor. Porém, é válido salientar que, as palavras sagradas proferidas pelas benzedeiras, são imbuídas de poder no momento da benzeção, o que implica a presença de vários fatores, como a fé, a crença, o imaginário simbólico e o contexto em que se insere tal prática. Dessa forma, fica entendido que a benzeção existe, também, pela necessidade de ressignificar as doenças que afetam a população, imersa num processo de ordenação de sentido que vai além do seu sentido cultural, por ser também de âmbito social e político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHKTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Rio de Janeiro, 1995. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <<https://professorronaldo.files.wordpress.com/2009/08/cultura-popular-revisitando-um-conceito-historiografico.pdf>>.
- DIAS, Letícia Grala. *O poder da e na voz delas: benzedeadas da ilha de Florianópolis* (SC). 2013. Dissertação (mestrado em antropologia social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad.: Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Edufj/Mazza, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Culturas populares e desenvolvimento no interior das Gerais; caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. 1997. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo.
- MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- NASCIMENTO, Danielle Gomes do. *Tradições discursivas orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6503/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 08-2016.

NASCIMENTO, Rita Fabiana Arrais do. A benzeção juazeirense: o sentido da doença num revelar mágico-religioso de cura. *Reunião Brasileira de Antropologia*, agosto de 2014. Disponível em:

<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401722381_arquivo_trabalhocompleto.rba.pdf>. Acesso em: 04-2017.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. São Paulo: Edusc, 1989.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário*. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

SUESS, Guenter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1979.

VERGER, Pierre Fatumbi. *EWE – uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.